

"ON THE ROCKS": corpo e gênero entre os escaladores do Paraná*

Roberto Lima **

Resumo

Este artigo pretende uma etnografia das construções de gêneros que se dão entre os montanhistas do Paraná que se reúnem na Serra do Mar. Isto é feito através da atividade escalada, pensada como simbólica da masculinidade, cuja projeção nos praticantes afirma uma construção mais ou menos homogênea do gênero masculino e cinde o feminino em dois.

Os jogos têm sido objetos freqüentes da antropologia. Dois bons exemplos disto são a briga de galos descrita por Geertz e o jogo de Bolinhas, por Carvalho.¹

A questão aqui abordada é como se dá a construção de corpo e gênero, perguntas que sempre estão na cabeça de um antropólogo, dentro de um esporte, diria Geertz, absorvente? Onde as técnicas corporais são muito mais complexas que as necessárias para lançar uma bolinha e a atração entre os opostos, escalador e montanha, tem um caráter profundamente diferente da atração entre o dedo e a bolinha (Cf. Carvalho); assim como a relação de identidade criada entre o galo e seu dono (Cf. Geertz), pois, na rinha é a vida do galo que está em jogo enquanto na montanha é a vida do próprio escalador.

* Este texto é uma "versão artigo" do último capítulo de minha monografia de graduação apresentada à Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Klaas Woortmann. Agradeço a Simone Frangella a translação para inglês do resumo e à profa. Mariza Corrêa a leitura crítica e sugestões. A responsabilidade por este artigo, claro, é minha.

** Mestrando (IFCH-UNICAMP)

¹ CARVALHO, J.J.: "O Jogo das Bolinhas: uma simbólica da masculinidade", IN *Anuário antropológico* 87, Rio de Janeiro e Brasília, Tempo Brasileiro e UnB, 1990. GEERTZ, C.: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

"On the rocks"

O grupo retratado aqui são os escaladores de montanha de Curitiba, Paraná. Neste grupo, uma definição "técnica" (e desapaixonada) de escalar, em termos "corporais", consiste numa série de movimentos complexos, envolvendo mãos e pés, com vistas a ultrapassar um obstáculo vertical, as "paredes" de rocha, onde, além disto, uma série de equipamentos são necessários à segurança do praticante. Esta prática é conhecida também pelo nome de "escalada técnica". As caminhadas até um cume, embora tenham sido a "escalada clássica ou romântica", são reportadas ao montanhismo, categoria que abrange toda atividade na montanha, de caminhadas a vôo livre.

Pórem, neste grupo, a escalada reveste-se de outros significados que criam um *ethos* e "visão de mundo"² próprios que concretizam-se na liminaridade da montanha.³ É minha amiga Alexandra, quem traduz um pouco da totalidade que se busca na montanha, e que sempre pareceu uma boa nota explicativa do porquê deste esporte apaixonar, de corpo e alma:

"Quando eu praticava outros esportes, às vezes, eu ficava meio isolada, porque não tinha tempo para pensar, para colocar o que sentia à minha volta, o que estava acontecendo. As pessoas vinham e não entendiam isto. Falavam que eu era uma pessoa que não servia para treinar em equipe. E eu de repente vi que era isto mesmo, e que esta solidão na

² GEERTZ, C.: *Op.cit.*

³ Sobre liminaridade, ver TURNER, V.: "A 'communitas'. Modelo e processo", "Liminaridade e 'Communitas'", **IN** *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974. A visão mais completa sobre a "communitas" neste grupo específico, está em LIMA, R.: *O Clã da Lagartixa*. Monografia de graduação apresentada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1993. Para a idéia de ritualidade difusa aqui, LEACH, E.R.: "Ritualization in Man in Relation to Conceptual and Social Development", **IN** Lessa, W.A. & Vogt, E.Z.: *Reader in Comparative Religion: an anthropological approach*. New York, Evanston, San Francisco, London, Harper & Row, 1972.

escalada, você tem mais chance de ficar ali... depois que você termina.

Parar, respirar...sentir toda aquela energia que emana do que você fez ali. Você está desprendendo energia. O teu companheiro que está com você, tá dando segurança, também você tem uma relação com ele, e aquela relação também com a própria montanha: o toque, o céu que está em volta. Você sente toda esta atmosfera perto de você.

E lá em cima, depois você vendo, você acaba se fundindo com a pedra, sempre você acaba derretendo assim: me sinto cada vez mais parte do mundo, ao contrário que na cidade, eu sinto o mundo.

[Em Curitiba] eu fico olhando as pessoas correndo, de lá prá cá...prá mim não tem muito sentido. Na escalada eu encontrei um sentido".

O que se quer neste artigo é mostrar como este "estar no mundo" romântico que se almeja, cuja melhor definição me foi dada por uma mulher, é construída pelo grupo e, ao mesmo tempo, sabotada às mulheres.

Aqui, as relações entre gêneros (e sua própria construção) são permeadas por outras relações sociais, de forma que a categoria "gênero" acaba por ser ampliada e fragmentada. Este é um texto basicamente etnográfico, no qual procuro uma descrição que fuja daquilo que Costa (1991) chamou do "leito de Procusto" da teoria.⁴

Para melhor abordar as questões relacionadas a esta visão de mundo, buscou-se o lugar onde reúne-se a vanguarda da

⁴ COSTA, C.L.: "O Leito de Procusto: Gênero, Linguagem e as Teorias Feministas", IN *Cadernos Pagu*, 2, 1994, pp. 141-174.

"On the rocks"

escalada paranaense. Assim, é dada ênfase especial àqueles que frequentam o Marumbi, na Serra do Mar, local onde surgiu a escalada no Brasil e onde criou-se a primeira vila exclusivamente formada por escaladores, a Vila (de final-de-semana) do Marumbi, acerca da estação de trem homônima.

Este artigo é também um desagravo às montanhistas curitubanas, tão pouco visíveis, não só na minha dissertação como na realidade, e à procura de respostas para esta quase ausência de escaladoras e mulheres montanhistas neste estado.

* * *

Ao tratar das questões relativas a técnicas corporais e construção de corpo e gênero neste grupo, deve-se primeiro separar estas categorias dentro da escalada, da forma como elas se concretizam nos praticantes.

Por um lado, temos o gênero da escalada, que se ligará à estética corporal (e à relação escalador/natureza internamente ao indivíduo empírico, via biótipo e código de corpo), e à escalada como simbólica da masculinidade.

Em outro sentido, temos o gênero na escalada, onde através da simbólica da masculinidade, dá-se a construção das noções de masculino e feminino no grupo e as relações entre ambos.

A discussão será mediada pela teoria de gênero, considerando este, não através dos papéis sociais, mas a partir de outros níveis analíticos e categorias interpretativas, conforme desenvolvidas por Segato (1986 e 1993): suporte anatômico (esta espécie de "nível 0", o inatingível dado da natureza); categorias sociais de homem e mulher (a definição para o grupo destas duas categorias); o gênero da personalidade ("o masculino

e feminino que, embora associados inicialmente com o perfil atitudinal esperado de homens e mulheres, têm caráter móvel, (...) e se separam, frequentemente (...) de seus suportes habituais". Segato, 1993:4); disposição dos afetos (castração x prazer); orientação sexual (cujas definições de heterossexualidade e homossexualidade são apenas uma definição esquemática); atitude erótica (atividade x passividade). Lembrando que: embora estes níveis tenham inspiração lacaniana, onde estão amarrados uns aos outros pela maneira de pensar o gênero na psicanálise, em antropologia estes níveis têm liberdade uns frente aos outros, combinando-se de diferentes maneiras nas diversas sociedades e, nem sempre é possível a visualização clara de todos eles numa dada sociedade.⁵

Vários autores têm chamado a atenção para a androginia (voltada para o masculino) de nossa era. Já Tocqueville afirmava no início do séc XIX que, na França, estava-se criando uma confusão nos "atributos dos sexos", onde a mulher além de igual (em direitos), estava tornando-se semelhante (fisicamente).⁶ A escalada tem esta marca (não no limite, como na "ginástica aeróbica" e em contextos de "malhação", onde às vezes é difícil saber quem é homem ou mulher em termos de biotipo numa visada "en passant"): embora o elemento feminino esteja presente - vale lembrar que a escalada é considerada "um ballet⁷ na

⁵ SEGATO, R.L.: "Inventando a Natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife", IN *Anuário Antropológico* 85. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1986. SEGATO, R.L.: "A Natureza do Gênero na Psicanálise e na Antropologia", IN *Serie Antropologia* 146. Brasília, UnB, 1993.

⁶ Cf. DUMONT, L.: "A Igualdade em Tocqueville", IN *Homo Hierarchicus*, São Paulo, EDUSP, 1992. Escolhi este autor como marco porque a escalada "nasceu historicamente" no final do séc. XVIII com a conquista do Mont Blanc (cerca de 40 anos antes da publicação de "A Democracia na América") e, igualdade e semelhança estão sempre em jogo quando se fala em "communitas".

⁷ Refiro-me aqui à atividade ballet, que tem gênero feminino (pelo menos nos últimos dois séculos), contrariamente à atividade escalada que é masculina. Em ambas, há uma diferenciação interna que é o gênero dos praticantes. Para uma análise aprofundada da dança como criadora de *ethos*, visão de mundo e gênero, ver SUFFERT, R.R.: *A Bailarina*, dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia da UnB, Brasília, 1994.

"On the rocks"

vertical" -pelos longos cabelos, a ênfase na leveza, flexibilidade e plasticidade gestual e, em corpos esguios⁸, por outro lado temos corpos fortes, e o fato de serem, em sua esmagadora maioria, homens.

É um modelo estético que só se concretiza totalmente em movimento, escalando: não se trata de construir um corpo, ícone do modelo idealizado de escalador, que indique a todos que é um praticante, como ocorre com o fisioculturismo e outras calistenias, mas sim um corpo para ser usado, "que ele pense o movimento e o corpo obedeça" (Savi), que encarne uma personalidade ativa e empreendedora. Este "narcisismo" via desfrute, às vezes, é contrário ao narcisismo icônico: aproxime-se e veja as mãos cheias de cicatrizes de um bom escalador ou observe um deles voltando esfolado, sujo e feliz, de um dia de escalada.

Na escalada, e acredito que em qualquer esporte, o elo entre cultura e natureza é diferenciado⁹, justo pela premência do corpo. A máxima antro-po-sociológica de que a cultura só se concretiza em indivíduos empíricos tem uma força extra, por se tratarem de indivíduos que não são apenas seres pensantes (o fato de Hawkins mover apenas três dedos não o impede de ser um gênio da física), mas totais, e que, por maiores que sejam as possibilidades de desenvolvimento das habilidades corporais pela cultura - a "técnica" -, diferenças de altura, proporções entre membros superiores e inferiores, tamanho de mãos e pés (e mesmo diferenças mais sutis de serem observadas, como

⁸ Embora possa ser evocada uma razão prática para a leveza e magreza, só isto não explica o fato de uma escaladora americana ter emagrecido aos 36 Kg para tentar vias de dificuldade próxima ao máximo existente à época. Seu estado de debilidade era tal que chegava a desmaiar na rua.

⁹ Claro que ainda assim é diferenciado nos esportes "de natureza" e nos esportes "indoor" ou de "cancha".

resistência dos tendões e tipo de fibra muscular predominante em sua musculatura) levarão a diferentes "leituras" de uma mesma via.

Estas questões pertinentes à construção do corpo nos abrem outras portas: isto é, ver a escalada como simbólica da masculinidade. São duas dimensões indissociáveis no Paraná.

Passo agora a enfatizar tal simbolismo, mas sabendo que muito do que falarei se "enganchará" com o que foi dito até agora. Para ligar um tema ao outro, usarei um trecho do precursor do estudo das técnicas corporais que justamente liga gestualidade à socialização, através de suas próprias reminiscências:

"O grande momento da educação corporal é, com efeito, o da iniciação.(...) [este momento é diferenciado entre os sexos na nossa sociedade assim como nas outras] Por exemplo: em todas as sociedades negras, a educação dos meninos intensifica-se em sua puberdade, enquanto que a das meninas permanece(...).Estas estão na escola de suas mães e formam-se constantemente aí." (Mauss, 1974,224-225)

"Acredito que a educação fundamental de todas estas técnicas consiste em fazer adaptar o corpo a seu emprego. Por exemplo, as grandes provas de estoicismo, etc., que constituem a iniciação na maior parte da humanidade, têm por fim ensinar o sangue-frio, a resistência, a seriedade, a presença de espírito, a dignidade, etc. A principal utilidade que vejo em meu alpinismo de outrora foi esta educação de meu sangue-frio que me permite

"On the rocks"

dormir em pé sobre a menor plataforma, à beira de um abismo." (Idem, ibidem,232).¹⁰

Mauss, antropólogo e alpinista, mostra como o corpo está sempre atado a símbolos, que são diferentemente experienciados pelos gêneros (embora aqui seu texto confunda categorias analíticas e ideológicas, creio que isto seja devido a ser um texto precursor e à imensa quantidade de dados trabalhados em um texto tão sintético) e chama a atenção para três pontos que se cruzam na construção desta simbologia: um momento, a iniciação; seu "caráter", estóico; seu motivo e decorrências, adaptar o corpo a seu emprego na sociedade. A escalada neste grupo entremeia tudo isto.

Carvalho (1990) faz uma interessante leitura do jogo de bolinhas como simbólica da masculinidade e como fator socializante no gênero em meninos na entrada da puberdade. Na escalada, temos outra faixa etária, entre os 16 e 25 anos principalmente, onde os atores já são sexuados, mas ainda não completaram sua formação social: em sua maioria, não têm independência financeira e são solteiros.

A escalada dramatiza a "luta por um lugar" na sociedade. Sociedade pensada como essencialmente masculina, criando uma sociedade de escaladores homens:

"Às vezes eu acho que aquela comunidade lá poderia viver muito bem sem mulheres. Porque, ou ela se torna um apêndice, ou ela se torna o motivo de uma competição, como qualquer pedra, qualquer outra coisa." (Rô)

¹⁰ MAUSS, M.: "As técnicas corporais", IN *Sociologia e Antropologia*, volume II. São Paulo, E.P.U. e EDUSP, 1974.

Este depoimento indica o caminho para este simbolismo. Sendo sexuados, mas solteiros, há uma competição por mulheres e símbolos femininos: a pedra, a corda. A categoria que os une é a conquista, que em minha dissertação foi abordada como produção de conhecimento¹¹, mas que aqui surge com outros sentidos ligados à personalidade dos escaladores: conquista-se vias, pedras, mulheres, *status* no grupo.

Semelhante a esta categoria, há várias outras que fazem da escalada uma metáfora da relação sexual, como no jocoso depoimento a seguir:

"Ah, sabe qual é a jogada dele? Ele quer saber se a gente...se tem mulher na jogada ou se é só pedra: nós estamos trepando com as paredes, nós só trepamos com as paredes. Não, nós trepamos com mulher. É verdade, não somos assim tão superiores. Isto, lá no Tibet, tem uns caras que passam a vida inteira sem ver a cor." (Savi)

A corda, ou perlon, é o símbolo feminino por excelência e a relação dela com seu dono é de fidelidade completa:

"A gente costuma dizer [caso peçam emprestado]: meu carro, tudo bem, minha mulher talvez, meu perlon nunca." (Drá)

Como a corda é um "cordão umbilical com a vida", o fato de não emprestar pode ser pensado via

¹¹ **Conquistar** uma via (como se chama o "caminho vertical") é sempre uma das maiores aspirações de todo escalador. É quando ele mergulha no desconhecido, onde ninguém esteve. Momento em que o escalador/demiurgo decifra e lê a rocha, criando mais um pedaço do mundo ao transformar as saliências dadas pela montanha em apoios para mãos e pés e, utilizando-os, posiciona-se neles de forma a conseguir subir.

"On the rocks"

razão prática, mas, esta "confiança" que se deposita nela está mesclada ao erotismo que se pode perceber na ambígua brincadeira que é "dormir a primeira noite com a corda."

Fidelidade, confiança, carinho e sensualidade são atribuídas à corda, criando a imagem de uma companheira. Tanto que podem ocorrer ciúmes na namorada (se ela não é montanhista ou não está convicta disto) quanto à escalada e, nesta relação, às vezes inconscientemente, a corda leva a pior:

"O primeiro sinal disto [que não gostava mais de escalar], bem grave, foi quando vendi minha corda. Sem dó. Os mosquetões estão lá, nunca pensei em vender, mas a corda vendi sem dó. (...) Talvez tenha sido isto: de certa forma, inconscientemente, me livrar da coisa que eles mais gostam." (Rô)

O caráter "estóico-iniciático" da escalada (lembrando Mauss) para os homens, já ficou claro, cria nas mulheres que tentam entrar na comunidade um sentimento de indignação, no momento em que estas se percebem da existência disto:¹²

"Acho que até agora coloquei eles meio sem coração. Todos eles têm coração, dá para sentir, mas eles fazem questão de esconder e enterrar isto muito bem na tua frente." (Rô)

¹² Embora estes temas não estejam mais na minha "pauta de observação", a convivência com outros grupos de esportistas tem apresentado como recorrentes tais relações de sensualidade entre os atletas e seus equipamentos mais representativos. Cito por exemplo um canoísta que definiu sua relação com o caiaque na água como "um jogo sensual" e um ciclista que disse que sua pior briga com a namorada foi uma em que ela derrubou sua bicicleta no chão.

Contrariamente à mulher:

"Então, pô: se a mulher é mais sensível, chora e se torna mais forte emocionalmente por causa disto, porque ela vive mais as suas emoções, ela odeia mais, ela ama mais, então as situações acabam se tornando mais de dia-a-dia." (Rô)

A mulher, contrariamente aos homens, é idealizada como frágil e caseira, mesmo por elas, e sua posição na comunidade é fortemente marcada por um misto de atração e repulsa. O tratamento pejorativo de "rachada" marca o medo de dissolução da comunidade por elas, a "vagina gera cizânia":

"É, moçada geralmente casa e tem filho e vai atrás, lance de grana. De repente a mulher não curte e pára. Vai controlando mesmo. Por isto que eu vejo que é muito difícil a moçada casar, ou se empenhar em algum outro lance e continuar na atividade de montanha. A menos que encontre uma companheira que também curta muito isto. Mas é difícil.(...) Prá falar a verdade, eu só conheci duas." (Chiquinho)¹³

Nos homens, a utilização de apelidos marca a saída da sociedade curitibana e a entrada na comunidade do Marumbi. Este apelido, que considero como um indicativo da aceitação do indivíduo no grupo não é aplicado totalmente às mulheres, que

¹³ O tom dos depoimentos é normalmente agressivo neste tema particular. Talvez este depoimento que acabei de transcrever seja o único mais "tranquilo". Num modo geral, tanto homens quanto mulheres adotam uma postura bastante exaltada, quando se toca neste assunto. Um informante inclusive recusou-se a falar a respeito.

"On the rocks"

são chamadas pelo próprio nome, ou por diminutivos ou corruptelas: Rô (Rossana), Adi (Adriana). A exceção mais significativa é a Chica (Cristina), que é muito respeitada ("você vê que ela gosta daquilo, às vezes você encontra ela sozinha numa trilha olhando..." , Adi), que tem este apelido por ter sido esposa do Chicão, e que contrariamente às outras ex-mulheres de montanhista, conseguiu um espaço seu no grupo, enquanto que o Chicão não é visto com bons olhos (embora não tenhamos conversado especificamente sobre isto, o que dificulta uma afirmação, parece-me que neste processo de entrada e aceitação na montanha, ela tornou-se sexualmente desinteressante aos membros do grupo).

Esta é uma sequência de apelidos interessante para mostrar como a forma de entrada/aceitação das mulheres no grupo é por contigüidade: a Cristina, esposa, recebeu como apelido, o diminutivo de Chicão, ocupando uma posição já menor no nome. Por ter entrado no grupo via Chica/Cristina, seu irmão mais novo que na época era um menino, José Luiz, tornou-se Chiquinho. Apesar de serem nomes estruturais dentro desta anti-estrutura e, serem interessantes por mostrar outra face do imaginário do grupo, estes nomes não são instrumentalizados pejorativamente (com o passar do tempo, Chiquinho tornou-se um dos melhores e mais respeitados escaladores do Paraná).¹⁴

A Chica de uma forma ou outra conseguiu o espaço que era do Chicão, por isto é uma montanhista. Além dela, respeitada como tal, há apenas a Adi (que é filha e irmã de montanhista, mas não é escaladora, assim como a Chica). Estas duas correspondem a um modo diverso de pensar a mulher.

¹⁴ As relações de nomenclatura são interessantes e complexas o suficiente para tornarem-se um artigo futuro já que atravessam a história e os rituais do grupo. Por enquanto, para maiores detalhes sobre estas relações, remeto aos capítulos 2 e 3 de minha dissertação.

Acrescento alguns depoimentos que marcam o contraste entre os dois femininos:

"As ex-mulheres não têm vez" (Rô)
[sobre o tratamento dado à nova esposa de um escalador, pelas mulheres dos outros escaladores]
"Elas não tratam a A. diferenciado, como ela. Da mesma maneira que tratavam a D. tratam ela.(...)Independente de com quem o montanhista esteja, qualquer mulher, o montanhista é o principal.(...) Se ela não fosse namorada de um montanhista, se ela fosse montanhista... A Adi, por exemplo, eu sei que não, a Adi é uma montanhista. Porque várias pessoas ela namorou, teve de rolo, mas ela continua indo. E ela conversa com estas pessoas que ela namorou com a mesma tranquilidade que fala com outra pessoa." (Rô)
"Em relação a mulheres na montanha, ela é meio que complicada, de amigo, de namoro e não sei quê. Porque eu acho meio raro mulheres que gostem mesmo de montanha. Acho que é isto mesmo (...) e geralmente os homens que escalam são amantes da natureza, da montanha, e nunca vão olhar. Então, vamos dizer, o relacionamento fica meio a desejar pros dois lados, mas se a pessoa ...realmente gosta daquilo então acho que já tem algo em comum. (...) Para mim, a mulher que gosta de montanha não vai prá montanha porque tem os homens. Vai porque é independente, dos homens, se tem namorado (...) Sabe porque gosta daquilo e se diverte e faz o que quer. " (Adi)
"Eu sinto um pouco de dificuldade, não sei, senti muito preconceito do pessoal: mulheres, aquela

"On the rocks"

coisa do sexo frágil(...) Eu acho que falta um pouco de autonomia nas mulheres. Por isto o fato de ter poucas mulheres escalando (...) Pôxa, lá em casa sou ovelha negra." (Alexandra)

Enquanto o gênero masculino é mais ou menos homogêneo -dentro das categorias que enumerei no início, temos, junto ao suporte anatômico masculino, a orientação sexual heterossexual, o gênero da personalidade e a atitude erótica ativas -, no feminino há um descolamento nestes níveis, que gera duas categorias sociais de mulher (e dois gêneros femininos): a montanhista e a mulher de montanhista, que se opõem nos papéis sociais, no gênero da personalidade e atitude erótica.¹⁵

Na mulher de montanhista, estes níveis de construção de gênero são (im)postos no pólo feminino "tradicional e preconceituoso". Nesta comunidade, que se quer "communitas", esta mulher tem um locus bem claro à margem: a margem da margem, um anti-locus que a impede de realmente pertencer à comunidade, na qual não tem total cidadania. Ela representa, principalmente, o elemento desintegrador.

A mulher montanhista, nos níveis referidos, se aproxima do montanhista, masculino, mas não é considerada masculina por isto. Ao contrário, é considerada altamente sensual e desejável, mas com um porém: ela deseja também, e "vai porque quer", "é autônoma"... Isto gera um conflito mais mudo e complicado que o outro. Estas mulheres acabam por competir com os montanhistas pelo mesmo espaço, a montanha, enquanto as anteriores ficavam nas casas da vila. Esta competição pelo lado

¹⁵ Para um outro contexto, em que também surgem "dois gêneros femininos", remeto a ALENCAR, E.F.: *Pescadeiras, Companheiras e Perigosas: a pesca feminina na ilha de Lençóis*. Tese de mestrado apresentada no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 1991.

dos montanhistas vai no sentido de travar a evolução técnica destas mulheres, através da conquista: ao conquistar uma escaladora, há a cobrança de que ela só escale com o namorado. Caso a mulher não participe deste jogo de poderes via afeto, possivelmente perderá o namorado e, a depender, o respeito no grupo. Aqui não há um padrão: cada mulher usará de estratégias várias, e isto é doloroso às vezes, mas só as que provam sua autonomia, como mostrado nos depoimentos acima, e que são da montanha, conseguem cidadania. Lembrando o que disse o Chiquinho, são poucas.

* * *

Este artigo tem um objeto bem delimitado, as ações destes atores em seu espaço mais ritualizado no Paraná, o Marumbi. Porém, antes de concluir é necessário um parêntese, motivado pelo enorme desenvolvimento da escalada "indoor" nos últimos quatro anos (apesar de ter chegado ao Brasil em 1985). Quero apenas indicar dois pontos em que esta forma de escalada, nas "academias de escalada"¹⁶ mostram outra face das questões de gênero: ao contrário do comportamento na rocha, em muros de escalada é incentivada a prática feminina e, parafraseando Da Matta e sua oposição entre a casa e a rua, o selvagem, a montanha, é o espaço do homem, enquanto que as casas (e os "muros") são femininos; no tocante a seus próprios estereótipos atitudinais, a apresentação dos escaladores é mais andrógina nestes contextos, roupas de "lycra" que até pouco tempo eram limitadas ao universo feminino (exceto no contexto da dança, atividade cujo gênero é feminino), são usadas para realçar o

¹⁶ A escalada "indoor", ou "muro", como é chamada no Brasil, liga-se principalmente ao universo competitivo do esporte.

"On the rocks"

corpo masculino, lembrando vagamente o "narcisismo icônico" a que me referi no tocante à "malhação" em academia.

Este artigo visou então uma das fatias mais importantes e mais delicadas da vida do grupo - e que se reflete nos namoros, casamentos e brigas de casal - que são as definições dos gêneros dos que freqüentam o Marumbi. Onde diferenças da visão de um gênero pelo outro (masculino e feminino generalizado) aliadas aos ideais de "communitas" têm tradicionalmente gerado conflito e sobrecarregado as relações. Uma situação ambígua onde há: o prazer e liberdade da "communitas" opondo-se à (várias vezes aludida nos depoimentos) castração do casamento; a escalada como simbólica da masculinidade, afirmando duas construções de feminino, a idealizada "de forma machista" e, a oposta, as montanhistas.

Termino este artigo lembrando a resposta que Leigh Mallory deu quando, em 1923, foi questionado sobre o por que escalava montanhas e que explica a busca, de homens e mulheres, por estes espaços:

"Because it's there!"

**“ON THE ROCKS”:
body and gender among the climbers from Paraná**

Abstract

This article purposes an ethnography about the gender constructions that take place among the mountain climbers in the Serra do Mar, Paraná. The ethnography is made through the activity of climbing, conveyed as symbolic of masculinity, and whose projection over the climbers reiterates a construction quite homogeneous of the masculine gender and split the feminine gender in two.